

OMAR CATUNDA

Seria difícil tentar-se compreender a história da criação do IFUFBA, sem conhecer o depoimento daquele que é sem dúvida um dos maiores educadores e matemáticos do Brasil em todos os tempos - o PROFESSOR OMAR CATUNDA. Figura respeitada e sempre lembrada por um grande número de estudantes que tiveram a oportunidade de conhecê-lo como professor de ANÁLISE MATEMÁTICA, e acima de tudo, como um grande incentivador de jovens que optaram pelos campos da Matemática e da Física.

É uma honra para todos nós, reproduzir agora o histórico de poimento desse insígne Mestre da Matemática, cuja obra além de vasta e dignificante, é de fundamental importância para todos os interessados pelo avanço do ensino da denominada MATEMÁTICA MODERNA nos cursos secundário e universitário no País, particularmente na Bahia onde por muitos anos ele foi PROFESSOR TITULAR do Instituto de Matemática da UFBA, além de seu diretor por longo período. Antes de estabelecer-se na Bahia, o Professor CATUNDA era PROFESSOR CATEDRÁTICO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde aposentou-se em 1962.

Hoje, a "Biblioteca Omar Catunda" do Instituto de Matemática da UFBA, é um indicativo do reconhecimento daquela instituição ao seu grande trabalho. Agora, em 1985, nove anos após a sua aposentadoria, ele tornou-se PROFESSOR EMÉRITO do Instituto de Física da UFBA, por solicitação da sua Congregação e do seu Conselho Departamental e aprovação por unanimidade do Conselho Universitário.

C:- Professor CATUNDA, estamos interessados em desvendar um pouco a história da nossa instituição, através daqueles que realmente participaram da sua criação. Seria importante para nós, um rela

to de sua vida acadêmica antes de vir para a UFBA, a motivação para esta mudança de ambiente de trabalho, e também um depoimento sobre a sua participação na criação do antigo Instituto de Matemática e Física da UFBA, o qual foi a célula inicial do atual IFUFBA?

O:- Nasci em Santos, SP, em 23 de setembro de 1906, filho do médico Thomaz Catunda e de Maria Lima Verde Catunda, ambos cearenses. Fui o décimo entre treze irmãos.

No curso primário, feito no Grupo Escolar Cesário Bastos, fui aluno medíocre, muito distraído e um pouco displicente. Aos 12 anos, entrei numa escola particular - o Liceu Comercial - onde me distingui principalmente em Português e Matemática; lá passavam problemas de grande enunciado, englobando câmbio, juros simples e compostos, descontos e regras de sociedade, graças aos quais adquiri grande habilidade em cálculo numérico. Em seguida, cursei as duas últimas séries da Escola de Comércio José Bonifácio, onde me habituei com o cálculo literal, além de elementos de contabilidade. Em 1922, a convite de meu irmão Ary, recém-casado, fui para o Rio, onde estudei num Curso Superior de Preparatórios, a fim de prestar os primeiros exames parcelados no Colégio Pedro II. As aulas de Português eram dadas pelo célebre gramático ANTENOR NASCENTES e as de Matemática, pelo professor Fontes, que também ensinava na Escola Militar, e cujas explicações claríssimas incutiram em mim o senso de rigor matemático. Esses dois professores contribuíram decisivamente para a minha formação cultural. Naquele ano se comemoravam os cem anos da nossa independência e na Exposição do Centenário eu assisti a primeira instalação de rádio no Brasil. No exame de Português, no Colégio Pedro II, eu fui examinado por outro célebre gramático, José Otícica. Voltando para Santos no princípio de 1923, organizei, para os outros nove exames parcelados que deveria prestar no Ginásio do Estado de S. Paulo, nesse ano e no seguinte, um programa de es

tudos autodidáticos, de 11 horas diárias (excluído o Latim, que estudei com professor particular durante três meses); no fim de 1924 trabalhei na Companhia Construtora de Santos. Mas essas 11 horas nem sempre foram cumpridas integralmente e nem foram bem distribuídas, pois a minha curiosidade voltou-se para o estudo da GEOMETRIA; em três meses eu devorei, aprendendo solidamente, o livro de Geometria Elementar de COMBEROUSSE, de quinhentas páginas, que era o livro de texto (em francês) adotado naquele ginásio.

Com essa bagagem de conhecimento, foi-me fácil obter o primeiro lugar no exame vestibular da Escola Politécnica de S. Paulo, em 1925. No primeiro ano, que era então chamado Curso Preliminar, o domínio que havia adquirido sobre a geometria do espaço foi de grande utilidade para o estudo da Geometria Descritiva. Também estudei com facilidade os Complementos de Matemática, que incluíam princípios de Cálculo Diferencial e principalmente as aulas de repetição, dadas pelo matemático Theodoro Augusto Ramos, que depois me orientou para estudos superiores de Matemática. Nesse primeiro ano, obtive o PRÊMIO CESÁRIO MOTTA - uma medalha de ouro com a efígie deste grande engenheiro (essa medalha sumiu de minha casa, aqui na Bahia). Fiz os seis anos de engenharia civil com relativa facilidade, principalmente nas matérias que dependiam de Matemática, pois o meu sistema de estudo consistia em repassar diariamente os apontamentos de aula, de modo a nunca entrar numa aula sem estar preparado para entender as explicações do professor; posso afirmar que, a não ser na elaboração de trabalhos gráficos, relatórios ou desenhos, nunca passei de meia noite estudando, mesmo em véspera de exame.

Formado em 1930 - formatura por decreto do presidente Getúlio Vargas, empossado depois da vitória da revolução de outubro - fui trabalhar como engenheiro da Prefeitura de Santos, mantendo sempre os meus estudos autodidáticos de matemática superior, até que fui chamado pelo Professor Theodoro Ramos para trabalhar como assisten

te do Professor LUIGI FANTAPPIÈ, contratado para reger a cadeira de Análise Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, criada em 1934 pelo governador Armando de Salles Oliveira.

Luigi Fantappiè era uma figura notável: temperamento sanguí-
nio, vibrátil, expansivo, era extremamente curioso, interessando-se
por todas as novidades em Matemática. Fora aluno da Escola Normal
Superior de Pisa, onde se formaram alguns dos maiores matemáticos i-
talianos. Disse ele que entre os alunos havia um compromisso obede-
cido rigorosamente, pelo menos entre os da turma: ninguém tirava no-
ta menor que 10 (a máxima) em qualquer prova escrita. Assim que co-
meçou a trabalhar no Departamento de Matemática (julho de 34), dedi-
cou-se a organizar a biblioteca do Departamento de Matemática da Fa-
culdade, formada com os livros e revistas que por sua influência fo-
ram doados pelo governo italiano, bem como outras publicações com
verbas diversas. Foi um trabalho exaustivo cuja parte mais pesada
coube naturalmente a mim, seu assistente. Também fui incumbido de
redigir as apostilas do seu curso, que foi dado no 2º semestre, com
nove aulas por semana, fora as de exercícios, que eu dava. Sua expo-
sição era claríssima e rigorosa, mas o ritmo acelerado prejudicou o
aproveitamento da maioria dos estudantes, que faziam o curso de en-
genharia. Para mim e para mais seis que se transferiram para o cur-
so da Faculdade (entre os quais MARIO SCHEMBERG e MARCELO DAMY), e
le expôs, no 2º ano, a teoria das funções analíticas e no 3º, a teo-
ria que ele mesmo criara - dos funcionais analíticos - funcionais
cujo argumento variável é uma função analítica. Neste campo eu con-
tribui com alguns trabalhos originais. Por seu intermédio obtive u-
ma bolsa de estudos do governo italiano, para um estágio de quatro
meses (novembro de 38 a março de 39) na Universidade de Roma, onde
acompanhei os cursos de F. SEVERI e de outros mestres.

Em setembro de 1939, Fontappiè voltou para a Itália, em vir-

tude do rompimento das hostilidades entre os países aliados França e Inglaterra e o eixo Roma-Berlim. Fiquei então como professor inte rino de Análise Matemática e diretor do Departamento de Matemática da Faculdade de Filosofia. Continuei a dedicar todo o meu esforço ao ensino e ao aperfeiçoamento das apostilas, que depois de muitas modificações e acréscimos, resolvi publicar em meu nome, em fascícu los mimeografados, com o título de Curso de Análise Matemática. Também estudei outros assuntos e dei aulas de Álgebra Moderna e de Geometria Projetiva; além disto, completei um trabalho que havia i niciado junto com o mestre, com aplicação dos métodos da sua teoria.

Em 1944, prestei concurso para a cátedra de Análise Matemát ica, obtendo, com o título correspondente, os títulos de doutor e de livre-docência, sendo nomeado para o cargo em 1945.

Em 1946 recebi uma bolsa Rockefeller para estudar em Princeton, sob a orientação do Professor S. BOCHNER. Este, porém, estava sempre ocupado, pois naquele ano se festejava o bicentenário da Univers idade de Princeton e era intensa a atividade de simpósios e confer ências e conseqüentemente houve grande concentração de matemáti cos do país e do estrangeiro. Segui então diversos cursos, como os de E. ARTIN, H. CRAMER, H. HOPF, H. WEIL, J. von NEUMANN e outros. Em setembro de 47 voltei para S. Paulo, cheio de ideias e de projetos de estudo individual e em grupos. Mas, como acontece com frequ ência, o impacto da realidade brasileira, tão diferente da dos Estados Unidos e dos outros países desenvolvidos esfriou bastante o meu entusiasmo e eu retomei a rotina das aulas e da direção do Depart amento. Além disto, outras preocupações solicitaram a minha a tenção. Em fins de 47 teve início nos Estados Unidos o tenebroso perí odo dominado pelo senador MacCarthy, com perseguição aos artistas cientistas e funcionários que manifestavam idéias contrárias à ideolog ia dominante; e a leitura do projeto de acordo militar Brasil-Estados Unidos me convenceu de que as nossas forças armadas, e portanta

to o nosso governo, abdicavam em parte da sua soberania, submetendo-se à orientação ideológica da grande nação do norte. E as razões e conômicas subjacentes eram bastante claras: os jornais viviam aconsalhando os magnatas e grandes empresários a explorarem as imensas riquezas existentes nas terras da América do Sul, particularmente na Amazônia, e isto sem a mínima alusão ao fato de existirem nessas terras nações soberanas. Assim, pouco tempo depois de voltar, procurei os meios nacionalistas e engajei-me na campanha em defesa do petróleo brasileiro, alvo inegável das pretensões das companhias petrolíferas norte-americanas, chegando a ser, por alguns meses, o presidente do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo, em S. Paulo. Mais tarde exerci alguma atividade política, chegando a ser candidato a deputado estadual, com apoio de comunistas e petebistas, mas essa candidatura foi impugnada pela justiça eleitoral. Tomei também parte em vários movimentos pela reforma e aperfeiçoamento do ensino da Matemática, participando da Primeira Conferência de Educação Matemática na América, reunida em Bogotá em dezembro de 1961, onde apresentei um panorama bem realista da triste situação desse ensino no Brasil.

Em 1962, minha vida particular entrou em crise e eu resolvi mudar de ambiente, valendo-me dos 34 anos de serviço público que acumulara, sendo que no Estado, o tempo para aposentadoria era de 30 anos. Deixei a família - esposa e dois filhos rapazes e vim para Salvador, acompanhado de uma filha adotiva de 4 anos; já havia tido por correspondência, de ARLETE C. LIMA, a garantia de que ocuparia o cargo de diretor do Instituto de Matemática e Física, criado em 1961 e cujo diretor RUBENS LINTZ, estava demissionário. Cheguei em Salvador no dia 13 de janeiro de 1963.

A minha participação na criação do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia consistiu em ter conseguido uma bolsa do CNPq para uma jovem recém-formada no curso de Matemática da

Faculdade de Filosofia, que eu conheci por ocasião do 1º Congresso de Ensino de Matemática reunido em Salvador em 1955; Eu já havia observado o enorme hiato existente entre os quatro professores catedráticos já idosos e os jovens estudantes, de modo que, percebendo, por conversas esporádicas, as qualidades intelectuais da jovem ARLETE VIEIRA DE JESUS, resolvi incentivá-la a continuar os estudos superiores no Rio de Janeiro ou em S. Paulo. Assim, essa jovem foi para S. Paulo em 1957, para estudar sob a minha orientação, encarregando-se de dar aulas de exercícios de Cálculo no 1º ano. Desde logo ela sentiu o impacto de um nível científico a que não estava habituada; disse-me, depois de algum tempo, que o que se ensinava no 1º ano em S. Paulo era mais do que toda a matéria ensinada nos quatro anos do curso de Matemática da Faculdade de Filosofia, em Salvador. Em 1959 ela voltou a S. Paulo com nova bolsa de estudos, tomando parte no seminário dirigido pelo professor ALEXANDRE M. RODRIGUES. Sentindo o enorme atraso em que se achava o ensino da Matemática na Bahia, ARLETE tomou a iniciativa de pedir apoio do CNPq para a criação de um INSTITUTO para o desenvolvimento dessa ciência na Universidade da Bahia. Nesse sentido, dirigiu-se também ao reitor EDGARD SANTOS, que a princípio ofereceu resistência, pois a sua preocupação estava voltada principalmente para as atividades humanísticas e artísticas da entidade que dirigia. Mais tarde, porém, aceitou a idéia e encarregou a própria ARLETE de elaborar o projeto, depois da sua segunda bolsa em S. Paulo. Não desejando arcar sozinha com essa responsabilidade, ela entrou em contacto com o físico RAMIRO DE PORTO ALEGRE MUNIZ e juntos organizaram o projeto de um Instituto de Matemática e Física, que foi fundado em 1961. Foram convidados os físicos WALDEZ CUNHA e FELIPE SERPA e, por sugestão de L. NACHBIN, foi contratado o matemático paulista RUBENS GOUVEIA LINTZ, que assumiu o cargo de diretor do novo instituto.

Em fins de 1962, o professor LINTZ pediu demissão e voltou pa

na S. Paulo, ficando o professor WALDEZ como diretor interino do Instituto, até que a Universidade completasse a regulamentação da nova unidade, procedendo à eleição do diretor. Essa eleição ocorreu em setembro e logo em seguida eu tomei posse do cargo, ficando na chefia do departamento de Física o professor J. W. BAUTISTA VIDAL, da Escola de Engenharia.

Mas antes dessa eleição eu fui vitimado por um acidente cerebral que prejudicou toda a minha vida posterior: depois de uma noite mal dormida, de 2 a 3 de agosto, um aumento de pressão arterial provocou a perda da minha capacidade de ler correntemente, isto é, fiquei com uma alexia parcial que reduziu a um quinto ou um décimo a velocidade da minha leitura normal. E como a leitura sempre foi uma das maiores atividades da minha existência, não só essa parte, mas toda a minha vida cultural ficou prejudicada. Todas as tentativas de cura fracassaram, inclusive a consulta, em Londres, ao Dr. Macdonald Critchley, considerado, na época (1966) a maior autoridade mundial no estudo da alexia.

Assim mesmo continuei a exercer as minhas funções de professor e diretor do Instituto de Matemática e Física, cargo este que deixei em 1969, com a separação em dois, ficando como coordenadora do Instituto de Matemática a professora Lolita Dantas. Em 1966, fiz uma viagem à Europa, terminando com a minha participação no Congresso Internacional de Matemática, reunido em Moscou, de 20 a 30 de agosto. Em virtude da lei, ao atingir a idade de 70 anos, fui aposentado compulsoriamente, em setembro de 1976.

C:- Poderia o senhor nos dar uma rápida idéia do ambiente universitário (e cultural) da Bahia naquele ano de implantação do INFUFBA? Qual a sensação inicial de uma experiente matemático da USP numa terra forte e culturalmente negra?

0:- Posso dizer que a Bahia me recebeu de braços abertos, quando aqui cheguei em 1963. As apostilas de cálculo que redigi e depois os fascículos do Curso de Análise Matemática tiveram boa aceitação em todo o Brasil e me deram a fama exagerada de grande matemático. Mas aos poucos fui notando que no ambiente acadêmico de Salvador reinava um forte sentimento de auto-suficiência, que se estendia até mesmo aos meios estudantis. Em conversas, discursos e conferências transparecia um certo orgulho das tradições da Bahia e às vezes mesmo um orgulho pessoal de quem se sente legítimo representante de uma grande cultura. E como esse sentimento acarreta consigo uma hipersensibilidade, o resultado é um apuro da linguagem, um cuidado extremo para não ferir suscetibilidades e essa cautela resvala insensivelmente para a formação de um ambiente de insinceridade e hipocrisia. Ora, eu estava habituado às reuniões da Faculdade de Filosofia da USP, onde os professores, com raras exceções, usavam de uma linguagem clara e franca, não raro com críticas rudes e contundentes, sem prejuízo da cordialidade que sempre uniu aquele corpo docente. Foi essa linguagem que eu usei aqui, no intuito de alertar os baianos contra o caminho de inegável decadência que seguia a universidade.

Alguns comentários que ouvi a respeito do Instituto de Matemática e Física dão bem idéia do atraso em que se encontrava o meio acadêmico. Um professor da Escola Politécnica, muito conceituado como pessoa de grande cultura, insistiu comigo em que o Instituto devia se limitar à formação de professores para suprir as necessidades das outras unidades, desistindo de ensinar teorias mais elevadas e principalmente de fazer pesquisas. Outro, professor de física da mesma escola, criticando os programas de cálculo e de física propostos pelo Instituto, afirmou que a idéia predominante entre seus colegas era de que devia ser reduzido ao mínimo o ensino das ciências básicas, dizendo que "a Bahia precisa de engenheiros em grande

número, e basta que saibam consultar tabelas", ao que eu retruquei ponderando que isso levaria à formação de mestres de obras e não de profissionais de engenharia. Outros combatiam o Instituto alegando que a Universidade da Bahia devia ter uma orientação humanística e não técnica, esquecidos de que o ensino humanístico, essencial para a formação de cidadãos, compete ao curso secundário e não ao superior, que é por natureza especializado.

A idéia predominante naquele tempo era a de que a função primordial da universidade era o ensino e que a pesquisa era atividade optativa para qualquer docente; ouvi mesmo, de um professor titular a afirmação de que um professor só faz pesquisa quando encontra, por acaso, no ensino ou na sua profissão, um problema novo, opinião que contrasta com toda a história da Ciência.

Os juízos críticos que emiti oralmente e por escrito foram recebidos com desagrado em muitos setores, mas estou certo de que consegui despertar uma reação positiva, não só dentro do Instituto como em outros setores da universidade e principalmente entre os estudantes, o que é um fator positivo para o futuro.

Na pergunta há uma referência à cultura negra. Penso que esse tema tem sido explorado com exagero, pois a negritude da Bahia se restringe aos aspectos religioso e folclórico, com benéfica influência sobre o turismo. O desenvolvimento das ciências, das artes da literatura é acessível indiferentemente a todas as raças, puras ou mestiças. Os aspectos de atraso a que me referi acima apareceram também, até a primeira metade deste século, em outros estados, como Minas Gerais, Paraná e até mesmo em S. Paulo.

C:- Vindo de um centro como a USP, qual a sua impressão sobre o nível do ensino de matemática desenvolvido na UFBA de então?

O:- Quando cheguei de S. Paulo, o único lugar em que se dava um ensino sério de matemática superior era a Escola Politécnica com os recursos tradicionais de Cálculo, Geometria Analítica e Mecânica, dados em nível modesto, sem pretensão à formação de cientistas. O curso de matemática da Faculdade de Filosofia, como já disse era fraquíssimo a tal ponto que quando comecei a ensinar no Instituto verifiquei que os elementos formados na Universidade nunca haviam estudado integrais duplas e nem comprimento de arco. Além disto, a aferição do aproveitamento era extremamente facilitada, o que tirava todo o estímulo dos estudantes. Eu sempre fui de opinião que essa função do professor deve ser encarada com a maior seriedade, pois o mestre que aprova um aluno que não sabe a matéria (ou pelo menos uma determinada parte dela) comete o mesmo crime que o do engenheiro que diminui a proporção de cimento ou de fios na construção de um edifício.

C:- Sabemos não ser muito fácil, após tantos anos de militância no ensino e na pesquisa, lembrar de nomes de alunos, entretanto insistimos - Seria possível o senhor citar alguns matemáticos ou físicos de talento que foram seus alunos?

O:- Tendo ensinado 28 anos em S. Paulo e 13 em Salvador, é de se esperar que muitos dos atuais cientistas desses dois estados tenham sido meus alunos. Realmente, fui professor de MÁRIO SCHENBERG, MARCELO DAMY, ABRAÃO DE MORAIS, de dois físicos residentes em Paris: JEAN MEYER e SALMERON e dos matemáticos CARLOS DE LYRA, JACY MONTEIRO e ALEXANDRE RODRIGUES, entre muitos outros. Prefiro, porém não me alongar na lista e nem mesmo citar os baianos, pois com a memória já fraca, poderia cometer a injustiça de citar alguns e omitir nomes muito mais afamados.

C:- É conhecido o seu interesse pelo jornalismo, pelas artes entretanto poucos sabem do seu interesse pelo estudo da ESTÉTICA, particularmente ligada à Matemática. Gostaríamos que o senhor explicasse um pouco as suas idéias ou reflexões sobre tais assuntos.

O:- Na verdade eu nunca me interessei pelo Jornalismo; apenas acedi ao convite de meu amigo o jornalista Abrão Jagle para fazer uma conferência sobre "CIÊNCIA E JORNALISMO", na reunião da SBPC realizada em Salvador, em 1981. Nessa conferência, expus algumas idéias sobre a influência do espírito científico sobre um jornalismo honesto e informativo, bem como do auxílio que pode dar um tal jornalismo à divulgação da Ciência, o que estimula o desenvolvimento desta.

Sempre fui apaixonado por todas as formas de Arte, principalmente pela música, que para mim tem certa afinidade com a Matemática: assim como esta é a mais abstrata das ciências, a música é a mais abstrata das artes, pois algumas das mais sublimes composições musicais foram produzidas por um homem que já estava irremediavelmente surdo.

A minha concepção estética é que toda a Arte, é a expressão espiritual de uma coletividade, do seu modo de vida, de sua memória e de suas aspirações. Se essa coletividade é um povo, ela se exprime pelas artes tradicionais, desde a pintura de paredes, as canções populares, os provérbios e anedotas até as obras primas da pintura, da música, da literatura. Mas quando se trata de uma coletividade menor, como a dos cultores de um determinado esporte, de uma ciência ou profissão, então o sentimento estético toma formas peculiares, o que explica, por exemplo, as expressões "um lindo gol de Pelé ou de Zico", uma bela partida de xadrez, etc. Vi certa vez um médico exibir para um seu colega "um lindo caso de cancer" - a foto de uma velha com o rosto completamente deformado, os dentes à mostra e o

nariz indistinguível.

Neste sentido já fiz duas conferências sobre "A ESTÉTICA DA MATEMÁTICA" que infelizmente foram mal compreendidas, pois a maioria dos ouvintes esperava que eu falasse da "Matemática na Estética", o que é muito diferente. Eu pretendia mostrar a beleza de certos raciocínios, mesmo em matemática elementar; aliás, o grande matemático WEIERSTRASS, já dizia: NUNCA SERÁ UM GRANDE MATEMÁTICO QUEM NÃO FOR UM POUCO POETA".

C:- O Instituto de Matemática tornou-se o maior instituto básico da nossa universidade, possuindo um quadro de professores bastante expressivo e um Centro de Ciências da Computação que interage fortemente com a comunidade. Qual a sua opinião sobre o caminho trilhado pelo referido instituto? É aquele que o senhor possivelmente vislumbrou no passado?

O:- Durante a minha gestão como diretor do Instituto, sempre encontrei duas dificuldades fundamentais: falta de pessoal habilitado e falta de verbas. Segundo a minha concepção, o funcionamento normal do Instituto deveria consistir em observar os melhores elementos graduados em Matemática e em Física pela Faculdade de Filosofia, encaminhando-os para cursos superiores até atingirem o nível de trabalhadores científicos de pesquisa. Mas os alunos graduados pela Faculdade não estavam em condições de enfrentar estudos superiores e o ambiente universitário daqueles tempos não oferecia atrativos para a contratação de outros professores; assim, o máximo que consegui foi a vinda de alguns professores visitantes e outros que colaboraram com conferências ou mini-cursos.

Em 1969, graças a um convênio assinado com a UNESCO, o Instituto recebeu dois professores - os matemáticos G. ADLER, da Hungria e M. SVEC, da Eslováquia - que deram cursos excelentes, infe

lizmente com reduzida assistência. Pouco depois a Universidade ofereceu várias bolsas de estudos, para as quais se inscreveram alguns professores secundários formados pela F.F. e dois formados pela Universidade de Rio Claro, em S. Paulo. Mas por essa época veio a reforma da universidade, o Instituto de Matemática teve de arcar com todo o ensino de Matemática da UFBA e o número de alunos aumentou enormemente, devido à massificação imposta pelo MEC. Sem verba para a contratação de novos professores, a solução encontrada foi abolir as bolsas e transformar os bolsistas em professores encarregados de dar os cursos básicos. O resultado foi uma baixa geral do nível do ensino. Posteriormente, alguns professores e estudantes graduados, prestaram exames de pós-graduação e apresentaram teses, obtendo o título de "mestre", mas ao que me consta não se chegou a criar um verdadeiro núcleo de pesquisadores, como eu havia idealizado.

Quanto ao computador, confesso que nunca me interessei por esse ramo da Matemática. O Centro de Processamento de Dados foi organizado pelos físicos e eu, como diretor do Instituto, fui apenas um intermediário burocrático entre eles e o reitor. Assim, não posso dar nenhuma opinião sobre o seu funcionamento.

C:- Agora, aposentado da Universidade, poderia nos dar uma idéia sobre as atividades de hoje? Qual a sua opinião sobre o ensino universitário no Brasil de hoje e também sobre o momento político que ora vivemos?

O:- Como já disse anteriormente, a minha dificuldade de leitura não me impediu de continuar a ler, embora muito mais devagar. Assim, mesmo antes da aposentadoria, mas principalmente depois dessa, eu dedico grande parte do meu tempo à leitura de jornais, revistas e livros, acompanhando o movimento político e o de idéias, pois me interesso bastante por filosofia e outras ciências. No momento,

estou lendo, com o auxílio de minha esposa, um livro de Oswaldo Du
crot "Estruturalismo e Linguística" e breve pretendo ler o último
livro do Jorge Amado. Tenho também exposto minhas idéias em artigos
esparços, publicados principalmente no jornal A Tarde. Infelizmente
sou bastante lento para escrever, pelas inúmeras hesitações e corre-
ções a que submeto qualquer trabalho.

Desde 1966 eu e um pequeno grupo de professores liderado por
MARTHA DE SOUZA DANTAS, elaboramos um projeto de livros de Matemáti-
ca Elementar, com uma reforma substancial do ensino da Geometria .
Infelizmente, os livros foram publicados justamente na época em que
o nível do ensino baixou consideravelmente, dando-se preferência a
exposições extremamente facilitadas e os nossos livros não tiveram
aceitação, mesmo depois que adotamos uma linguagem mais simples ,
sem, entretanto, abdicar do raciocínio, que procuramos introduzir
paulatinamente.

É opinião geral que o sistema universitário no Brasil está
em crise, não só por falta de verbas, mas também pela burocratiza-
ção em que caiu. Essa situação se agravou nos últimos vinte anos ,
pois a concepção de um regime militar autoritário é, em geral, in-
compatível com o ambiente de liberdade e de franqueza que deve rei-
nar numa universidade que se preze.

Quanto ao momento político, sou de opinião que o Brasil nun-
ca foi tão favorecido pela sorte como agora em que está prestes a
ter como presidente um homem de passado limpo, com grande experiên-
cia a sagacidade política, que fazem dele um verdadeiro estadista.
Infelizmente, a política não se faz com homens isolados, e sim com
grupos, partidos, sedimentos econômicos e sociais, cujos interesses
conflitantes provocam lutas de bastidores que nem sempre chegam à
luz do dia. E na composição que elegeu o ex-governador mineiro e
xistem certamente grupos inconciliáveis cujas divergências podem
prejudicar o nosso futuro. Penso que as maiores lutas virão quando

se fizer a verdadeira e indispensável reforma agrária.

C:- Poderia o senhor deixar aqui alguma mensagem para esta imensa massa de ex-alunos e admiradores? Obrigado.

O:- Sempre fui avesso a dar conselhos e a atitude de moralismo me é profundamente antipática. Mas há uma exigência da qual não abro mão, não por preconceito, mas pelo que ensina a história: é o trabalho. Todos os grandes progressos da Humanidade foram obtidos à custa de dedicação, esforço e perseverança, seja na época das navegações, no Renascimento, no século das luzes, na colonização das nações da América, seja nos estudos e invenções que possibilitaram o progresso industrial.

Assim, as expressões como "largar o corpo", procurar "sombra e água fresca", conseguir vantagens com o "jeitinho brasileiro", etc., envolvem pequenos crimes que se cometem diariamente e cujas vítimas são o próprio autor e a nação inteira.

Quando eu ensinava no Instituto de Matemática, mais de uma vez fiz aos alunos uma pergunta para a qual nunca recebi resposta satisfatória: "Por que um estudante baiano deve estudar menos que um suíço, um alemão, russo ou japonês?"; na minha opinião, deveria, ao contrário, estudar e trabalhar mais que todos eles, para suprimir o atraso em que se encontra. Se um professor não satisfaz, se suas aulas são fracas, então o melhor que podem fazer os estudantes é estudar individualmente ou em grupo, até poder dar um quinau no mestre, para que ele tome vergonha e prepare melhor suas aulas.

Se a geração dos jovens de hoje quiser endireitar o Brasil, não adianta recriminar e responsabilizar a geração mais velha, que o entortou. Os jovens é que têm que arcar com os encargos e enfrentar as dificuldades dessa reconstrução, e isto exige muito preparo individual e muito trabalho. Sei que para muitos estou malhando em ferro frio, mas espero que com o tempo surjam lideranças mais capazes e conscientes.